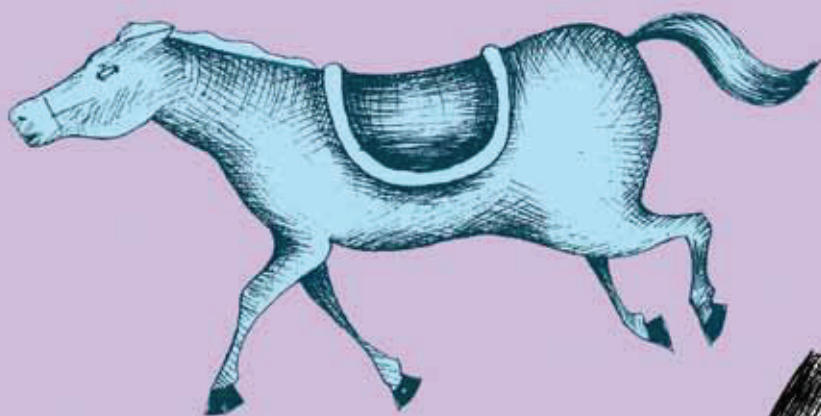


Liberdade de não crer



Ilustrações: Jess Melo

por Any Cometti

No Brasil, adeptos do agnosticismo e do ateísmo se reúnem na internet na luta por tolerância e por um estado laico

Você sabe o que é ateísmo? E agnosticismo? Conhece a diferença entre eles? Se você respondeu 'não' a pelo menos duas dessas perguntas, falta-lhe informação sobre essas posturas filosóficas ou modos de vida. Segundo ateus e agnósticos, uma das principais razões para o preconceito que sofrem é o desconhecimento.

Apesar de muitos adeptos dizerem que há poucas diferenças entre ateus e agnósticos, o professor da Ufes Edebrando Cavalieri, 58 anos, doutor em Ciência da Religião, explica que há diferença entre eles. Ateus não acreditam em divindades, não veem a necessidade da existência de um deus. Já agnósticos não se concentram na existência ou não de deus: para eles, só pode ser conhecido o que pode ser observado, quantificado, estudado. "O agnóstico tem uma relação que sempre brota dos fatos, das experiências". Segundo ele, a quantidade de ateus tem crescido no Brasil e isso pode ser uma reação à imposição de um deus extremamente dominador, cultuado por algumas religiões.

Entretanto, a moral social é um campo em que a intolerância, que vai além da religiosa, interfere na maneira como líderes de igrejas e fiéis interpretam as doutrinas de sua religião.

"Sempre digo que defendo a construção de mais escolas decentes e de menos igrejas, o que, para mim, quer dizer mais esclarecimento e menos hipocrisia", conta a universitária Ana Oggioni, 22 anos. Segundo ela, o preconceito contra os ateus surge, sobretudo, dos religiosos que os vêem como imorais, como pessoas que não sabem diferenciar "o certo do errado, o bom do mau". Ana ainda não sabe definir a qual das duas filosofias pertence. "Não vejo necessidade de definição. A religião de uma pessoa é tão importante como sua cor favorita", ironiza. Mas destaca: é algo pessoal, íntimo e formador da identidade, por isso não pode ser desconsiderado.

Viver a vida sem desrespeitar o próximo é um lema do universitário Ricardo Aiolfi, 22 anos, agnóstico que possui crenças mas nunca teve a religião como priorida-

CONSTITUIÇÃO FEDERAL

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

II - recusar fé aos documentos públicos;

III - criar distinções entre brasileiros ou preferências entre si.

de. Ricardo não teve uma ligação forte com a igreja católica. Por volta de seus 15 anos, começou a questionar conceitos como inferno e pecado e, então, sentiu que precisava de uma espiritualidade própria. Para ele, o catolicismo possui discursos de fachada e bases em penitências e sacrifícios. "Não acho que você tenha que se torturar para aprender coisas boas. Se existe um deus, pra mim, ele não deveria engrandecer o sofrimento".

Ana concorda com as considerações de Ricardo sobre o catolicismo e questiona as religiões judaico-cristãs, em oposição àquelas que fazem cultos à natureza. "Vários líderes dessas religiões aumentam a ignorância das pessoas, que não são estimuladas a interpretar a Bíblia, mas sim a segui-la cegamente". O professor Cavalieri acrescenta: "A fé deve ser criticada e deve suportar essas críticas. Se não as suportar, ela não é verdadeira".

Pelo fim do preconceito

O campo da religião se instalou e sobreviveu nas lacunas do conhecimento humano. O professor explica que as crenças surgiram para responder perguntas que, até os dias de hoje, não têm respostas concretas. "De onde viemos?" e "Para onde vamos?" são alguns dos questionamentos que levam as pessoas a buscar a fé religiosa. Para Ricardo, o agnosticismo é um tipo de "fé racional", em que não se crê cegamente nem no mundo concreto, científico, nem no abstrato, das crenças.

Ana defende leis regulatórias para todos, uma vez que igrejas e políticos se aproveitam mutuamente para garantir seus interesses, que muitas vezes não são os interesses da população. "Da mesma forma que um católico tem o direito de ter sua cruz no tribunal, um umbandista pode ter a figura de seu orixá e o muçulmano pode levar o alcorão". Em defesa do estado laico, não só estão de acordo Ana e Ricardo, como também milhares de brasileiros que compõem associações e organizações de ateus e agnósticos online.

O paulistano Daniel Sottomaior, 40 anos, reuniu um grupo de ateus na internet para criar, em 2008, a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA). Daniel, que é ateu, conta que um dos principais objetivos da

ATEA é lutar contra o preconceito. "Já houve repercussão nacional em casos de discriminação contra nordestinos, por exemplo. Com ateus, houve casos parecidos, mas nada é feito". Além de serem submetidos a imagens e conteúdos religiosos em tribunais, casas legislativas, na constituição e até nas notas de real, os meios de comunicação não contribuem para que o preconceito contra o ateísmo seja desmistificado.

Eli Vieira, 24 anos, membro da Liga Humanista Secular do Brasil (LIHS) diz que o preconceito surge, também, da opressão ao questionamento a uma doutrina ou prática religiosa. "A pessoa não é bem-vinda se suas posições filosóficas forem demonizadas e conceituadas de forma pejorativa em grupos de fé". Mineiro residente em Porto Alegre, Eli conta que ateus e agnósticos precisam se comunicar mais e melhor com a sociedade - esse é um dos propósitos da LIHS, que surgiu em 2010 como fruto de uma união pela internet. Como um slogan da Liga, em sua logo estão as palavras Humanismo (valores morais que compõem a dignidade humana), Secularismo (conjunto de valores independentes de religiões e crenças religiosas) e Laicismo (o secularismo aplicado ao poder público, ou seja, separação de religião e Estado). Recentemente, acrescentou-se também a palavra Racionalismo, "para expressar que este debate deve ser feito pelas regras também comuns a todos: as regras da razão".

Mesmo com a quantidade de ateus declarados - segundo Cavalieri, são entre 7 e 10% no Brasil - e as ações de conscientização crescendo, a intolerância segue no mesmo ritmo. "Acredito que aqui o estado tenha que interferir. A liberdade de culto não pode admitir práticas de intolerância religiosa que culminam numa inflexibilidade moral", enfatiza Cavalieri. Segundo Ana, "discutir religião, fazer enfrentamento direto, é burrice. Precisamos de compreensão mútua e respeito para que nossa vida em sociedade tenha mais qualidade". Há uma moral para cada época e para cada povo, conta Cavalieri, mas "todos somos responsáveis pela formação ética da humanidade".

CONSCIENTIZAÇÃO TAMBÉM NAS RUAS

Em Julho desse ano, a capital Porto Alegre (RS) recebeu a primeira campanha de mídia sobre ateísmo. Os outdoors usados para a conscientização e pela luta contra o preconceito a ateus e agnósticos foram uma iniciativa da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos - ATEA. Segundo Daniel Sottomaior, presidente da ATEA, o objetivo da campanha é aproximar o ateísmo do dia a dia da sociedade e, assim, minimizar a discriminação.